

# **A Lei da Indiferença de Jevons na argumentação de Kirzner pela relevância e singularidade da Economia Austríaca frente à Neoclássica**

**Eduardo Angeli**

Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná  
E-mail: angeli@ufpr.br

**Lucas Casonato**

Professor de Economia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
E-mail: casonato.economia@gmail.com

## **Resumo**

Este artigo estuda a contribuição de Kirzner para a tese da tendência ao equilíbrio na economia, analisando a leitura que ele fez da Lei da Indiferença de Jevons. Essa análise se insere no debate sobre qual foi o objetivo de Kirzner ao se aproximar da Economia Neoclássica nas discussões da tendência ao equilíbrio, se ele tentava ou não se associar aos Neoclássicos. A investigação é realizada por meio da reconstrução do uso da Lei de Jevons por Kirzner, considerando sua estratégia argumentativa de levar as ideias da Escola Austríaca ao restante da profissão. Com base nisso, o trabalho mostra que a aproximação de Kirzner à Economia Neoclássica lhe serviu como base para destacar a relevância e singularidade da Economia Austríaca. O artigo conclui que isso permitiu a Kirzner destacar as principais diferenças entre Austríacos e Neoclássicos.

**Palavras-chave:** Israel Kirzner. Lei da Indiferença de Jevons. Escola Austríaca.

## **Abstract**

This article studies Kirzner's contribution to the thesis of the tendency to equilibrium in economics, analyzing his reading of Jevon's Law of Indifference. This analysis is part of the debate about what was Kirzner's objective when approaching Neoclassical Economics in discussions on the tendency to equilibrium, whether or not he tried to associate himself with the Neoclassicals. The investigation is carried out through the reconstruction of the use of Jevon's Law by Kirzner, considering his argumentative strategy of taking the ideas of the Austrian School to the rest of the profession. Based on this, the work shows that Kirzner's approach to Neoclassical Economics served him as a basis for highlighting the relevance and uniqueness of Austrian Economics. The article concludes that this allowed Kirzner to emphasize the main differences between Austrians and Neoclassicals.

**Keywords:** Israel Kirzner. Jevon's Law of Indifference. Austrian School.

**JEL:** B25; B31; B53.

## A Lei da Indiferença de Jevons na argumentação de Kirzner pela relevância e singularidade da Economia Austríaca frente à Neoclássica

### 1. Introdução

Tem sido reconhecido na literatura econômica que a década de 1970 marcou uma fase importante para a Escola Austríaca. Esta corrente, que teve grande prestígio até meados do século XX, viu sua influência decair nos anos 1950, com sua produção teórica confinada a poucos indivíduos, notadamente Ludwig Mises e Friedrich Hayek. A partir daí, essa escola não conseguiu se inserir ou dialogar com a fronteira do conhecimento, dominada, sobretudo, pela síntese neoclássica. Por volta de 1974, entretanto, uma nova geração de economistas associados às ideias Austríacas se organizou em torno de nomes que foram se tornando mais conhecidos no período, movimento a que se atribui o nome de *Austrian Revival* (VAUGHN, 1994, cap. 5).

Um destes personagens centrais, que atraiu parte dos novos adeptos da Escola Austríaca, foi Israel Kirzner, professor do departamento de Economia da *New York University*, cuja tese havia sido orientada por Mises na mesma instituição. Por este e outros motivos, Kirzner passou a ser visto na década de 1970 como um dos líderes desse movimento de recuperação das ideias Austríacas, tanto por sua contribuição intelectual quanto pelo feito institucional de conseguir apoio para essa corrente de pensamento junto à universidade em que atuava (RIZZO, 2002).

Reconhecido como um dos economistas mais importantes das últimas décadas do século XX, Kirzner foi considerado um dos favoritos ao Prêmio Nobel de Economia há alguns anos.<sup>1</sup> Sua carreira contempla a produção de uma vasta obra, dedicada principalmente ao estudo da atividade empresarial, tema em que se destacou, alcançando prestígio para além do campo da economia (BOETTKE e SAUTET, 2009; KORSGAARD *et al.*, 2016).

Parte desse sucesso pode ser atribuída aos esforços de Kirzner em dialogar com outras abordagens econômicas, já que estudiosos da história da Escola Austríaca geralmente lhe associam à busca em aproximar esta tradição à Economia Neoclássica. Esse movimento seria oposto, sobretudo, ao de outro nome destacado na recuperação Austríaca, Ludwig Lachmann. A proposta lachmaniana, de maneira geral, foi de que os Austríacos avançassem cada vez mais no subjetivismo (VAUGHN, 1994, cap. 5; BARBIERI, 2008), o que implicaria um afastamento cada vez maior da Economia Neoclássica.

Nos trabalhos de Kirzner, esses proponentes de maior subjetivismo na teoria econômica, tais como Lachmann, foram denominados Subjetivistas Radicais. Assim, o termo Subjetivismo Radical faz referência a uma interpretação teórica particular: o mercado é um processo movido por ações empresariais de natureza essencialmente criativa, de modo que a tomada de decisões não guarda relações estáveis com as condições econômicas em que ocorre, impedindo a existência de um estado de equilíbrio subjacente à realidade nos mercados. Nessa perspectiva, a teoria econômica deveria eliminar a suposição de que haveria uma tendência ao equilíbrio. Essa interpretação se opõe à dos modelos de competição da Economia Neoclássica, em que a ideia de equilíbrio ocupa posição central, assumido como ponto para onde os mercados convergem a partir de forças econômicas regulares. A base desse processo seria a estabilidade das relações entre as condições prévias no mercado e as escolhas dos agentes. Em resumo, isso diferencia as visões Subjetivista Radical e Neoclássica a partir da aceitação de que um estado econômico futuro possa estar predeterminado a partir das condições do mercado no presente.

Kirzner posicionou sua própria teoria Austríaca do processo de mercado entre essas duas interpretações, enxergando-as como opostas no tratamento de alguns elementos teóricos

---

<sup>1</sup> Fonte: [https://www.washingtonpost.com/news/volokh-conspiracy/wp/2014/09/29/israel-kirzner-for-the-nobel-prize-in-economics/?utm\\_term=.c5b254aa7aa1](https://www.washingtonpost.com/news/volokh-conspiracy/wp/2014/09/29/israel-kirzner-for-the-nobel-prize-in-economics/?utm_term=.c5b254aa7aa1) (Acesso em 11/03/2021).

sobre a competição. Para Korsgaard *et al.* (2016, p. 869), Kirzner acabou aproximando sua teoria da Economia Neoclássica por incorporar a suposição de tendência ao equilíbrio. Segundo Jakee e Spong (2003, p. 476-477), o aceite deste pressuposto levou Kirzner a se opor aos Subjetivistas Radicais dentro da Escola Austríaca. Isso resultou em um debate interno nesta escola acerca da pertinência de admitir o estado de equilíbrio na teoria do processo de mercado, o que contrapôs, especialmente, Kirzner e Lachmann (VAUGHN, 1992, p. 251; 1994, p. 137; BARBIERI, 2008, p. 216).

Com base nesse contexto, o presente artigo estuda a contribuição de Kirzner a respeito da tendência ao equilíbrio, considerando a estratégia argumentativa utilizada pelo autor para promover suas ideias. Neste caso, procura-se analisar a interpretação que Kirzner ofereceu para a ‘Lei da Indiferença de Jevons’ e o papel que ele lhe atribuiu na Economia Neoclássica.

Jevons (1888b [1871], p. 90), no texto original sobre sua Lei da Indiferença, afirmou que os indivíduos devem ser indiferentes no uso de distintas unidades de um bem se ele for homogêneo. Desta forma, em um contexto específico de tempo e lugar, o mesmo produto deve ser transacionado por um único preço. Ou seja, não existe motivo para que um agente trate de maneira diferenciada duas unidades iguais do mesmo bem. Foi o próprio Jevons (1888b [1971], p. 91-92) quem denominou essa hipótese de Lei da Indiferença.

A argumentação de Kirzner sobre a Lei de Jevons merece destaque porque foi usada por ele para explicar a tendência ao equilíbrio nas teorias Neoclássica e Austríaca, bem como para ilustrar a pertinência de sua tese da ação empresarial (e.g. KIRZNER, 2018b [1978], p. 257-258; 2018a [1979], p. 26-27; 1984, p. 6; 1992 [1990], p. 47; 2015b [1992], p. 73-74; 1997b, p. 37). Na interpretação kirzneriana, a Escola Neoclássica teria se apropriado da Lei da Indiferença para postular a tendência ao equilíbrio na economia, mas sem explicar como essa coordenação é alcançada a partir da indiferença dos indivíduos entre dois bens.

Neste caso, a posição assumida por Kirzner para a Lei de Jevons é ilustrativa da visão sugerida por Garrison (1982) para a Escola Austríaca: uma tradição intermediária entre adeptos da Escola Neoclássica e aqueles que a rejeitam totalmente. Principalmente porque Kirzner atribuiu ao processo de mercado a tendência à coordenação, mas sem admitir que um estado de equilíbrio pudesse realmente resultar da dinâmica concorrencial. Por isso a proposta kirzneriana ficou a meio caminho entre o determinismo da situação de equilíbrio, assumido na Economia Neoclássica, e a total rejeição dessa ideia, como defendido pelo Subjetivismo Radical.

Na interpretação kirzneriana, a leitura Neoclássica é insuficiente porque não explica o surgimento de novidades genuínas nos mercados e, por isso, a ocorrência de resultados que não sejam passíveis de antecipação pelas condições objetivas da economia. Na proposta de Kirzner, essas são consequências inerentes à ação empresarial, e por isso lhe foi pertinente defender sua teoria da atividade empresarial para o processo de mercado como uma superação da teoria Neoclássica dos preços (KIRZNER, 2015a [1985], p. 146-147). Sua própria proposta do ‘estado de alerta’, uma capacidade individual de percepção das oportunidades de lucros puros, confere uma explicação para a promoção da coordenação entre os agentes nos mercados. Porque quando o empresário alerta age para obter esses ganhos, corrige uma situação de desequilíbrio anterior e direciona a economia a uma coordenação maior (KIRZNER, 2015a [1985], p. 147). Então, a tendência ao equilíbrio surge da função empresarial na busca dos lucros, e continua existindo, embora para outro ponto, na medida em que mudanças econômicas reorientam a economia para novo ponto de equilíbrio. A coordenação plena nunca é alcançada, mas a tendência em direção a ela permanece (KIRZNER, 2018c [1983], p. 91-92; 2015a [1985], p. 146-147).

For a number of years my work has emphasized the importance of the entrepreneurial role in market processes. The bulk of this work has focused on understanding the way in which market processes depend on entrepreneurial

alertness and discovery for any systematic equilibrative properties they display. [...] Grasping the entrepreneurial role turned out to be crucial for appreciation of how the Austrian theory transcended the scope of mainstream equilibrium formulations. (KIRZNER, 2016a [1989], p. 3)

A despeito de sua postura crítica em relação à teoria Neoclássica e a herança robbinsiana desta, a literatura tem mostrado que Kirzner procurou construir possibilidades de diálogo com ela e com outras abordagens econômicas.<sup>2</sup> Ao invés de interagir apenas com os economistas identificados com a Escola Austríaca, postura denominada de “isolacionista”, Kirzner buscou sistemática e consistentemente levar sua teoria aos diversos debates na economia ao longo da carreira em uma atitude de “engajamento profissional”.

Por ter adotado esta iniciativa entre os Austríacos, Kirzner se preocupou em mostrar às diversas visões econômicas, e especialmente para a Neoclássica, como sua abordagem responde a lacunas da teoria econômica. Essa atitude pode ser entendida como elemento propulsor para a adoção de estratégias argumentativas, já que Kirzner precisava convencer seus pares sobre a pertinência da sua teoria da atividade empresarial, de caráter misesiano, como explicação mais adequada para o processo competitivo do mercado.

O uso da Lei da Indiferença de Jevons na argumentação kirzneriana ajuda a ilustrar a posição de Kirzner em alguns debates, em especial com a Escola Neoclássica e os Subjetivistas Radicais. Ademais, entender o pensamento do autor acerca da Lei da Indiferença esclarece a posição kirzneriana quanto à tendência ao equilíbrio nas visões Austríaca e Neoclássica. Por fim, a presença da Lei da de Jevons na argumentação de Kirzner também traz uma nova evidência sobre a postura pela qual o autor ficou conhecido, de se aproximar da Economia Neoclássica. Por estas razões, o artigo busca mostrar como Kirzner usou um conceito central ao grupo dominante na profissão para se aproximar dele, demarcar diferenças e defender a tese Austríaca-kirzneriana da ação empresarial.

O artigo está organizado como segue. A segunda seção oferece uma síntese da teoria da atividade empresarial kirzneriana para destacar aí a importância da tendência ao equilíbrio. Na terceira seção recuperam-se evidências na literatura para mostrar que Kirzner usou estratégias argumentativas em suas obras. Na quarta seção procura-se reconstruir a explicação dada por Kirzner para a Lei da Indiferença, mostrando o porquê de ele criticar sua adoção pela Escola Neoclássica, e em que medida a teoria Austríaca faz isso de maneira mais apropriada. Por fim, na quinta e última seção são tecidas as conclusões, apresentando que, por meio da Lei de Jevons, Kirzner vê a Escola Austríaca como movimento singular e superior à Economia Neoclássica.

## **2. Uma síntese da teoria Kirzner para a atividade empresarial**

Publicado em 1997, o livro *“How Markets Work: Disequilibrium, Entrepreneurship and Discovery”* se destaca nas obras de Kirzner por oferecer um resumo das principais ideias da sua teoria da atividade empresarial. Os seis pontos selecionados por ele foram:

- (i) Sempre haverá inconsistência entre os planos de compra e venda dos participantes do mercado, sejam eles presentes ou futuros (KIRZNER, 1997a, p. 45);
- (ii) A incompatibilidade de planos dos agentes pode tomar a forma de sobre-otimismo, quando o preço praticado no mercado é distinto do esperado por compradores que esperavam pagar menos ou de vendedores que imaginavam cobrar mais, frustrando planos e fazendo com que estes sejam revisados (KIRZNER, 1997a, p. 45);

---

<sup>2</sup> O termo “robbinsiano” foi usado por Kirzner (2013 [1973], p. 25-26) para designar o caráter alocativo da decisão dos agentes econômicos na teoria econômica tradicional, considerados nesta tradição como maximizadores de utilidade com base na utilização ótima dos recursos escassos de acordo com o ordenamento de suas preferências. No pensamento kirzneriano, essa definição decorre da visão de Lionel Robbins para a economia, enquanto ciência que estuda a alocação de recursos escassos entre fins alternativos.

(iii) A incompatibilidade de planos dos agentes pode tomar a forma de sobre-pessimismo, quando o preço no mercado é distinto do esperado por compradores que esperavam pagar mais ou de vendedores que imaginavam cobrar menos, o que gera um diferencial entre os preços praticados e os possíveis, abrindo oportunidades de lucro puro para a arbitragem. Isso poderá despertar a atenção do empresário para que ele realize a correção desse diferencial de preços, gerando a tendência de que essa chance de ganho seja explorada (KIRZNER, 1997a, p. 45);

(iv) Se as preferências dos consumidores, recursos disponíveis e possibilidades técnicas forem consideradas congeladas no tempo, a existência de um diferencial de preços só seria corrigida pela ação empresarial que o identifica e explora (KIRZNER, 1997a, p. 45);

(v) No curso da tendência à correção de decisões erradas no mercado, que foram otimistas ou pessimistas, ocorre a realocação dos recursos econômicos, de usos menos produtivos para os mais produtivos, permitindo novas descobertas nesse processo (KIRZNER, 1997a, p. 46);

(vi) “In the real world of incessant changes [...] these corrective tendencies may be partly or wholly frustrated or interrupted. In addition, these tendencies operating in different parts of the everchanging market, may interrupt and confuse *each other*. But the direction of the powerful forces of entrepreneurial discovery will be shaped and molded by the above-described systematic and corrective process of error, disappointment, discover, and surprise” (KIRZNER, 1997a, p. 46, grifo original).

Verifica-se que a teoria kirzneriana da ação empresarial está preocupada com as relações econômicas que ocorrem no estado de desequilíbrio, caracterizado pela incompatibilidade dos planos entre os indivíduos no mercado, mas onde há a tendência de coordenação.<sup>3</sup> Essas relações vão se coordenando por meio da atividade empresarial, uma ação derivada do estado de alerta que percebe uma oportunidade de ganho no mercado. Essa atividade é possível pela existência de erros prévios, por conta de uma frustração no mercado ou pelas ações já realizadas não terem eliminado as oportunidades de lucro, incentivando a revisão dos planos individuais.

Quando a ação empresarial é bem-sucedida, corrige os erros anteriores e promove uma realocação dos recursos. Mas isso também permite a descoberta de novas possibilidades de ganho, por novas percepções ou pelas reações dos outros indivíduos. Neste sentido, existe uma tendência para que cessem as oportunidades de lucro e, assim, finde o espaço para a função empresarial quando todos os planos e decisões estiverem coordenados, o estado de equilíbrio.

Porém, como as decisões no mundo real são tomadas em meio a mudanças contínuas, sem coordenação prévia, elas vão de e ao encontro umas das outras sistematicamente, impondo a impossibilidade de se atingir a compatibilidade plena entre elas. O equilíbrio é afastado, mas a tendência da economia em direção a ele persiste pelo alerta empresarial. Novas oportunidades vão aparecendo, novas revisões de planos são realizadas, e penas a tendência de coordenação prevalece no mercado.

As explicações de Kirzner sobre a atividade empresarial recorrentemente fazem menção à teoria Neoclássica, promovendo uma aproximação com o *mainstream*, mas não precisamente por suas abordagens compartilharem o mesmo objeto. Antes, pode-se argumentar, isso resulta da busca de Kirzner em apresentar a teoria Austríaca ao grupo mais amplo de economistas, ao invés de apenas aos associados a Escola Austríaca. Isso é explorado na próxima seção.

---

<sup>3</sup> É possível afirmar que Kirzner esteja adotando a noção hayekiana de equilíbrio para dirigir suas críticas à teoria Neoclássica, onde esta definição é compatível, porque na visão misesiana a compatibilidade de planos não garante a inexistência de oportunidades de lucro a serem exploradas.

### 3. Evidências sobre a estratégia argumentativa na obra de Kirzner

A existência de argumentações especiais na obra de Kirzner para dialogar com distintos auditórios não passou despercebida na literatura econômica. Korsgaard *et al.* (2016), Jakee e Spong (2003), bem como autores que resenharam livros de Kirzner, ou utilizaram parte de sua obra, comentaram sobre a iniciativa kirzneriana de aproximar sua abordagem a outras teorias.

De acordo com Korsgaard *et al.* (2016, p. 868), é possível dividir os trabalhos de Kirzner sobre a função empresarial em dois grupos de acordo com a audiência pretendida pelo autor na argumentação: os associados à Economia Neoclássica e à Escola Austríaca.

Ao primeiro auditório, Neoclássico, a tentativa de Kirzner teria sido compatibilizar sua teoria da atividade empresarial com o arcabouço de equilíbrio da teoria tradicional. Para isso, o autor enfatizou que o processo de mercado é movido por forças que atuam a partir de condições objetivas. Para este público estariam suprimidos os efeitos do tempo e da incerteza, permitindo simultaneidade entre atos de descoberta e exploração das oportunidades de lucro, tornando a ação empresarial compatível com a arbitragem de preços (KORSGAARD *et al.*, 2016, p. 869-870). Nessa abordagem, a descoberta não pode ser antecipada pelo indivíduo, o que permite ser encarada como surpresa, tornando as oportunidades de ganho preexistentes às decisões empresariais (KORSGAARD *et al.*, 2016, p. 879).

Ao segundo auditório, Austríaco, a explicação de Kirzner teria procurado aprofundar o papel realizado pelo empresário dentro do processo de mercado. Kirzner teria enfatizado nessa argumentação o caráter especulativo da ação empresarial, por sua capacidade criativa de afetar o estado futuro da economia. Para este público o tempo e a incerteza seriam apresentados como essenciais na ação empresarial, responsável pela exploração de oportunidades de lucro, o que aumenta a coordenação econômica ao longo do tempo. Nessa ótica, a descoberta é resultado da especulação, tornando o estado de alerta responsável por concretizar um futuro compatível com as expectativas empresariais (KORSGAARD *et al.*, 2016, p. 871-872).

Resenhando um capítulo publicado por Kirzner em 1982, Caldwell (1984) também viu diferentes atribuições kirznerianas para o termo ‘estado de alerta’, apontando para a diferença no tratamento dado a este conceito no trabalho então resenhado com relação a textos anteriores. Para Caldwell (1984, p. 1234-1235), até aquele capítulo, os trabalhos de Kirzner apresentavam o estado de alerta de maneira alinhada à ideia de arbitragem, enquanto no referido texto a exposição o teria tornado uma atividade especulativa capaz de criar lucros futuros. Caldwell (1984, p. 1235) interpretou a mudança no tratamento da atividade empresarial como decorrente da tentativa de Kirzner em se alinhar ao maior subjetivismo proposto por Shackle. Esse novo objetivo seria manter na teoria o caráter coordenador da ação empresarial junto da rejeição do estado de equilíbrio futuro como algo antecipável no presente.

Jakee e Spong (2003, p. 478) chamam a atenção para os motivos contextuais dessas diferenças nos textos de Kirzner em razão de objetivos distintos do autor, entre as décadas 1960 e 1970, e aqueles dos anos 1970 até o final dos anos 1980. No primeiro período, Kirzner estaria tentando solucionar um problema teórico da época, qual seja, a incapacidade do processo robbinsiano de maximização de explicar endogenamente as mudanças decisórias individuais na ausência de eventos exógenos. Por isso a explicação da ação empresarial teria sido colocada em paralelo ao processo de arbitragem, para mostrá-la como tal e ainda mais. No segundo período, Kirzner estaria encarando a influência de Lachmann sobre a teoria do processo de mercado, o que teria feito a explicação da função empresarial convergir para atos criativos.

Assim, Jakee e Spong (2003, p. 476-477) também consideraram a distinção de pesos promovida na argumentação kirzneriana sobre o papel da incerteza nesses diferentes contextos. Mas, mesmo no segundo momento, quando Kirzner enfatizou a questão da incerteza para se aproximar dos Subjetivistas Radicais, prevaleceu em sua argumentação a defesa de que a ação empresarial no processo de mercado promove uma tendência à coordenação, ou seja, resulta na propensão ao equilíbrio na economia.

Resenhas do livro “*The Meaning of the Market Process*”, publicado por Kirzner em 1992, apontaram para uma peculiaridade na sua composição que pode ser lida como parte da estratégia argumentativa do autor. Moser (1992, p. 721) afirmou que a primeira parte do material é dirigida a duas vertentes, a do equilíbrio Neoclássico e a do Subjetivismo Radical, enquanto Robertson (1993, p. 557-558) reconheceu a busca de Kirzner em comparar sua teoria a ambos os grupos. Para Blaug (1993, p. 757), o livro foi colocado entre essas versões teóricas como forma de posicionar a Escola Austríaca entre elas. Esta atitude também foi percebida por Rosner (2003, p. 192) na resenha de outro livro de Kirzner, “*The Driving Force of the Market*” publicado em 2000, dada a forma de apresentar a teoria Austríaca como uma versão alternativa ao *mainstream* que mantém diferenças com relação a Lachmann e Rothbard (sendo este o terceiro expoente do *Austrian Revival*).

Alguns trabalhos que utilizaram parte das obras de Kirzner como referência também reconheceram o emprego de uma estratégia argumentativa por parte do autor. Vaughn (1992, p. 253) afirmou que o livro “*Competition and Entrepreneurship*”, de 1973, foi estruturado por Kirzner com a intenção de reformular a teoria tradicional dos preços da Economia Neoclássica para se aproximar dela. Em outro texto, Vaughn (1994, p. 101) notou que Kirzner tentou dialogar com os economistas Neoclássicos no começo da carreira, destacando dois livros do autor, aquele já destacado pela autora e o livro-texto de microeconomia Austríaca de 1963, o “*Market Theory and the Price System*”. Nessa perspectiva, em ambos haveria uma apreciação da teoria microeconômica tradicional com base nas ideias misesianas. De fato, por ter aceitado a ideia de equilíbrio na teoria econômica, Kirzner foi considerado por Vaughn (1994, p. 5) um adepto da Escola Austríaca que buscou, com esta tradição, corrigir a Economia Neoclássica.

Para Foss e Klein (2010, p. 148) também é possível interpretar a teoria kirzneriana da ação empresarial em bases Neoclássicas, tanto para explicar o processo em direção ao equilíbrio quanto para justificar as conclusões da teoria tradicional sobre o bem-estar. Para estes autores: “Kirzner’s objective, of course, is not to characterize entrepreneurship *per se*, but to explain the tendency for markets to clear” (FOSS e KLEIN, 2010, p. 157).

Boettke e Sautet (2011, p. 38-40) concordam que a proposição kirzneriana da atividade empresarial permite explicar a formação dos preços na teoria tradicional, mas apontam que isso é feito de maneira distinta da interpretação dominante porque a teoria de Kirzner explica o movimento econômico do desequilíbrio para o equilíbrio. Assim, reside aqui uma diferença sutil entre a argumentação desses autores para a teoria de Kirzner sobre o processo de mercado. Para Vaughn (1992; 1994) e Foss e Klein (2010), Kirzner procurou corrigir a microeconomia Neoclássica na explicação do equilíbrio. Embora concordem que a tese kirzneriana seja capaz de fazer isso, Boettke e Sautet (2011) apontaram que esse não era necessariamente o objetivo kirzneriano. O próprio Kirzner (1997b, p. 5) discordou da primeira interpretação, de ter tentado corrigir a teoria Neoclássica. Antes, acredita ter mostrado o papel teórico do equilíbrio e, por meio dele, as relações entre a Economia Neoclássica e a Escola Austríaca.

Segundo Douhan *et al.* (2007 p. 213-214), um dos méritos de Kirzner foi ter feito teoria econômica da Escola Austríaca próxima do *mainstream*, diminuindo a distância entre sua abordagem com as demais. Uma aproximação nesse sentido ocorre com a discussão da Lei da Indiferença de Jevons por Kirzner, o que é apresentado na próxima seção.

#### **4. Kirzner e a argumentação de que a Lei de Jevons não cabe na Economia Neoclássica**

Segundo Kirzner, a Escola Neoclássica postula a tendência de que diferentes unidades de um bem venham a ter o mesmo preço por meio da Lei de Jevons. Na leitura kirzneriana, essa proposta não implica apenas a tendência ao equilíbrio, seja na abordagem marshalliana ou na walrasiana, mas também a inexistência de oportunidades de lucro no mercado pela igualdade entre preços e custos de um produto (KIRZNER, 2015b [1992], p. 73-74).

A questão, de acordo com Kirzner, é que a admissão da Lei de Indiferença pela Economia Neoclássica estaria ocorrendo sem uma explicação teórica para o processo que conduz a essas equivalências (KIRZNER, 2018b [1978], p. 257-258). Isso porque o pressuposto Neoclássico de que o mercado está propenso ao equilíbrio repousa na esperança de os agentes econômicos realizem a arbitragem de preços, mas não fica claro como isso ocorre a partir dos modelos de competição centrados no equilíbrio (KIRZNER, 2015b [1992], p. 73).

Para Kirzner, essa dificuldade já havia sido reconhecida pelos economistas, mas não encarada teoricamente porque assumir a existência de oportunidades de lucro puro levaria a um paradoxo diante do suposto de informação perfeita: indivíduos racionais, que buscam o que é melhor para si, conhecerem possibilidades de ganhos puros e não as aproveitarem. A solução da Economia Neoclássica teria sido tornar o lucro puro inexistente ou decorrente de mudanças não antecipadas no mercado (KIRZNER, 2015b [1992], p. 73-74). No pensamento kirzneriano, essa primeira solução foge da realidade, e a segunda é problemática porque, mesmo admitindo a exploração do lucro quando do seu surgimento, ainda restaria explicar como os indivíduos robbinsianos tomam conhecimento de sua existência. Isso porque tais agentes já possuem fins e meios predeterminados, sendo incapazes de mudá-los endogenamente.

Por isso Kirzner sugere que a confiança da Economia Neoclássica de que os diferenciais de preço serão extintos é problemática, já que não há uma explicação teórica de como os indivíduos são capazes de tomar ciência das oportunidades de lucro (KIRZNER, 2015b [1992], p. 74). A falta de uma teoria para explicar o processo de convergência dos preços resulta na inadequação da Lei de Jevons para a Escola Neoclássica, já que seus agentes econômicos só poderiam aproveitar oportunidades já conhecidas (KIRZNER, 2018d [1976], p. 129).

Assim, a existência de oportunidades de lucro puro na economia caracteriza uma situação de desequilíbrio, e elas não são aproveitadas porque não foram identificadas, e nem poderão ser a partir de agentes econômicos robbinsianos. Isso revela que o pensamento kirzneriano assume que os agentes econômicos da Economia Neoclássica agem somente com base naquilo que é previamente atribuído a eles por hipótese. Logo, não há mudança entre a relação de suas decisões e as condições econômicas que lhes motivam.

Desta forma, se se considera que a economia está inicialmente desequilibrada, com preços distintos sendo praticados no mercado, há possibilidade de erros na tomada de decisão e frustração a partir dos resultados observados. Porém, isso não implica mudanças nas escolhas por parte dos agentes robbinsianos da Economia Neoclássica, porque, uma vez que o indivíduo não é imbuído da capacidade de aprender, não se pode postular que ele fará uma revisão do plano que o levou às decisões que conduziram a economia ao desequilíbrio, principalmente porque a escolha feita já era, em última instância, a melhor que ele concebeu – uma decisão ótima.

Logo, partindo-se de uma situação de desequilíbrio, não seria possível ligar a sequência de decisões desse agente econômico ao longo do tempo (KIRZNER, 2018d [1976], p. 128). Se não há como considerar essas diferentes decisões de maneira interligada, não há como postular a tendência para que o mercado alcance um único preço para o mesmo produto.



Uma possibilidade seria considerar o desenvolvimento da Economia da Informação, em que se atribuem diferenciais de preço à assimetria de informações no mercado. Porém, no pensamento kirzneriano, as oportunidades de lucro que configuram a situação de desequilíbrio ocorrem mesmo quando estão superados os custos de transação do conhecimento (KIRZNER, 1997b, p. 39). Isso porque a posse de uma informação não implica a sua verdadeira descoberta, pois não garante a percepção daquilo que ela realmente representa ou pode representar em outra situação. Então, segundo Kirzner (2018b [1978], p. 257-258), a Economia Neoclássica não poderia admitir de maneira adequada a Lei de Jevons mesmo assumindo o conhecimento como mercadoria sujeita à análise custo-benefício na decisão de aquisição.

Para Kirzner (2018c [1983], p. 91-92), é precisamente a crença na existência de um *quantum* total de informação infalível na economia que não permite à Economia Neoclássica inserir o empresário em seu arcabouço teórico. Isso porque a existência do conhecimento completo e “fechado”, materializado nas hipóteses sobre como está distribuída a informação no mercado, garante a condição de equilíbrio ou proximidade a ele, e isso se revela de duas maneiras: (i) pelo conhecimento disseminado extinguir as oportunidades de lucro, já que estariam eliminados ou em processo de eliminação os diferenciais de preço na economia; e (ii) pela impossibilidade de novo conhecimento endógeno ser originado por iniciativa dos indivíduos, porque não há nada na configuração do agente econômico que lhe permita a criação ou percepção de conhecimento novo em relação àquele já admitido na análise econômica.

For this Austrian view the understanding offered by economic analysis permit us to see the world, not as an approximation of equilibrium conditions, but as displaying *by contrast* the course of systematic market *processes*. For the analysis of market process the Austrian view attaches significance to equilibrium constructions *only insofar as these help us understand the nature of the systematic forces governing entrepreneurial market processes in disequilibrium*. (KIRZNER, 1983, p. 222)

Nessa perspectiva, Kirzner aceita que tanto a Escola Neoclássica quanto a Austríaca são capazes de incorporar a Lei de Jevons em suas formulações teóricas, o que corrobora que ambas aceitam que a economia tenda ao equilíbrio. Porém, como está sendo argumentado aqui, é justamente pelo fato de ambas as abordagens poderem se apropriar da Lei que há a iniciativa de Kirzner em lhes aproximar e, disso, propor uma nova forma de encarar a Lei da Indiferença.

Kirzner (1992 [1990], p. 48) atribuiu aos Neoclássicos uma interpretação determinista da Lei de Jevons, ou seja, a possibilidade de se conhecer o equilíbrio futuro da economia a partir das condições presentes. Isso porque na Escola Neoclássica a noção do conhecimento completo ignora o processo de descoberta enquanto injeção de conhecimento novo na economia. À Escola Austríaca, entretanto, foi atribuída uma interpretação não determinista da Lei de Indiferença, considerando apenas a propensão dos indivíduos à descoberta a partir do estado de alerta, não havendo garantia de sua concretização.

Para fazer com que a tendência ao equilíbrio econômico atribuída à Lei da Indiferença de Jevons fosse compatível com aquela postulada no processo de mercado por meio da atividade empresarial, Kirzner promoveu a reinterpretação da Lei da Indiferença em termos Austríacos.

#### 4.1. A Lei de Indiferença de Jevons à luz da teoria da atividade empresarial de Kirzner

Como visto, a proposta original de Jevons (1888b [1871], p. 90 1888a [1879], p. xlv) levou em consideração a homogeneidade entre duas unidades de um produto para que o agente econômico fosse indiferente entre elas. Kirzner (2018a [1979], p. 26-27; 1997b, p. 40) observou essa exigência de Jevons, de que as duas unidades fossem idênticas, mas considerou

que essa conclusão poderia ser ampliada para dar conta da indiferença entre um bem e o conjunto total de recursos necessários à sua provisão.

Na nova interpretação oferecida por Kirzner para a Lei de Jevons, o indivíduo deveria ser igualmente indiferente entre dois bens mesmo se eles estiverem materializados de maneiras distintas. Essa extensão seria possível, e ainda benéfica no pensamento kirzneriano, por atender a necessidade implícita nos modelos de equilíbrio da Economia Neoclássica de fazer o preço dos produtos convergir à equivalência com seus custos.<sup>4</sup>

Com base nessa reconsideração da Lei da Indiferença, Kirzner foi capaz de observá-la sob duas óticas correspondentes à sua teoria da ação empresarial para o processo de mercado: (1) a da eliminação de uma oportunidade de lucro e; (2) a da ampliação do conhecimento. Ambas originadas na decisão individual e viabilizadoras do equilíbrio econômico no mercado.

A primeira interpretação, (1) da Lei de Indiferença como correspondente à sequência de eliminações das oportunidades de lucro no mercado deriva de Kirzner (2018a [1979], p. 27) ter considerado que a proposta de Jevons pode ser interpretada por meio de duas assertivas: (1.1) a origem da tendência à equalização do preço de uma mercadoria está no processo competitivo; e (1.2) este, enquanto processo de ajuste, não acaba enquanto existirem diferenciais de preços – oportunidades de lucro.

Desta forma, quando Kirzner (2018a [1979], p. 26) postulou a (1) propensão empresarial à percepção e eliminação dos diferenciais de preço, atribuiu à atividade competitiva a tendência de extinção desses lucros puros. Na teoria kirzneriana do processo de mercado, a ausência de novas oportunidades de lucro puro se traduz no estado de equilíbrio. Essa primeira forma de interpretar a Lei de Jevons, com base na eliminação das oportunidades de ganho, é decorrente de Kirzner considerar a teoria Austríaca mais abrangente que a Neoclássica, capaz de assimilar as explicações particulares da microeconomia tradicional. Por isso Kirzner (2015b [1992], p. 73) afirmou que só tem sentido admitir a Lei da Indiferença como tendência à convergência de preços se se admite que os indivíduos irão eliminar seus diferenciais por meio da concorrência. E quando Kirzner usou a teoria da descoberta empresarial para explicar a extinção dos lucros, descreveu como as diferenças de preço são eliminadas, possibilitando a ele incluir a Lei de Indiferença de Jevons em sua argumentação – “[t]he most fundamental law of price theory” (KIRZNER, 1997b, p. 37).

A segunda interpretação da Lei da Indiferença de Jevons, (2) como contrapartida ao aumento do conhecimento, se verifica quando Kirzner (2018b [1978], p. 257-258) associou o resultado da Lei de Jevons ao estado de conhecimento perfeito. No pensamento kirzneriano, a tendência à convergência de preços é a manifestação da capacidade de aprendizado dos agentes sobre as oportunidades existentes no mercado. Esse processo ocorre quando novas informações são encontradas e utilizadas pelos indivíduos no mercado, que os leva a mudar as disposições de compra e/ou venda, fazendo com que revisem seus planos de ação. Assim, no pensamento kirzneriano, a tendência ao equilíbrio via preços é um processo paralelo à disseminação das informações porque dependente delas, mostrando como a dinâmica do mercado faz a economia caminhar da situação de informação imperfeita para o conhecimento completo.

The truth surely is that the postulation of a tendency-towards-a-single-price simply expresses our understanding of the systematic ways in which purposeful human beings revise their plans upon the discovery that they have hitherto overlooked attractive available opportunities. The market regularities that may be based upon such systematic plan revisions are *manifestations* of more abstract regularities that

---

<sup>4</sup> Essa liberdade para reconsiderar a proposta de Jevons parece residir no pensamento expressado por Kirzner (1984, p. 6) de que a base que sustenta a Lei de Indiferença é existência de uma tendência à convergência dos preços de um mesmo produto para um único valor, não a indiferença entre dois bens idênticos.

are able to be grasped *quite apart from their particular empirical manifestations*.  
(KIRZNER, 1984, p. 6)

Mas, segundo Kirzner, sendo o conhecimento falível e incompleto, não pode ter sua trajetória previamente determinada, de modo que considerar a existência de uma tendência ao equilíbrio não significa aceitar que se esteja cada vez maior próximo a ele. Antes, quer dizer que o movimento equilibrante nunca cessa, renovando-se mesmo após uma interrupção. Então, a economia poderia inclusive “regredir” com relação a um estado de equilíbrio anteriormente determinado, porque este era apenas um ponto de referência; mas a tendência à coordenação, enquanto movimento, seria sempre contínua (KIRZNER, 1997b, p. 37).

Essas duas interpretações propostas por Kirzner para a Lei de Indiferença de Jevons, como resultado da (1) eliminação do lucro puro ou do (2) aprendizado, são dois lados da mesma moeda: formas com as quais Kirzner explicou os efeitos da descoberta empresarial. Por isso a atividade empresarial só tem lugar na situação de desequilíbrio, aquela que representa a existência de um diferencial de preços resultante de um conhecimento aquém do perfeito. Neste caso, essa ação só pode ser motivada se houver alguma interação entre o agente econômico e o ambiente em que ele está inserido, uma relação entre a condição econômica e a tomada de decisão, o que é possível na interpretação de Kirzner que propôs um indivíduo dotado do estado de alerta. Porém, a possibilidade de os indivíduos injetarem novidades na economia mostra que a relação entre decisões e o contexto em que são tomadas não é imutável, provocando mudanças na trajetória econômica.

É possível afirmar que Kirzner se aproximou da Escola Neoclássica ao associar sua ideia de convergência dos preços na teoria da atividade empresarial à Lei de Indiferença de Jevons, já que esta é, na interpretação kirzneriana, a explicação da tendência ao equilíbrio da Economia Neoclássica. Consideradas a proposta original da Lei da Jevons, suas possíveis interpretações, e a reconsideração proposta por Kirzner, é possível notar como a Lei de Indiferença ilustra o lado kirzneriano nas discussões com a Economia Neoclássica e o Subjetivismo Radical – mencionadas na introdução e na terceira seção deste artigo.

## **5. Estabelecendo uma posição: a argumentação de Kirzner pela relevância e singularidade da Economia Austríaca frente à Neoclássica**

Por meio do contraste entre as abordagens Austríaca e Neoclássica, Kirzner usou a Lei da Indiferença de Jevons para marcar sua posição diferenciada em relação à teoria tradicional e se distanciar dela. A teoria da atividade empresarial kirzneriana ficou mais conhecida por sua relação com a arbitragem de preços, capaz de contemplar a ideia de exploração do lucro puro. Mas essa exposição foi moldada dessa maneira para simplificar uma proposta Austríaca que intencionava influenciar uma audiência comum à Economia Neoclássica.

Como mostrou Kirzner (2015c [1995], p. 55), uma das funções do mercado é a de revelar sistematicamente as preferências dos consumidores, o que gera lucros àqueles que lhes atendem melhor. Assim, a tendência ao equilíbrio ocorre com eliminação gradual das oportunidades de lucro por meio da atividade empresarial, que inevitavelmente descobre como melhor atender os agentes econômicos. Mas esse procedimento, afirmou Kirzner (1997b, p. 37), não pode ser assimilado na Economia Neoclássica porque esta abordagem não admite a ignorância genuína, ao estabelecer hipóteses sobre a distribuição da informação.

Essa é uma das razões pelas quais Kirzner (1992 [1990], p. 44) enfatizou que as principais características do mercado são a ignorância e a descoberta, ambas inerentes ao estado de desequilíbrio defendido na teoria Austríaca do processo de mercado. A ignorância deriva da condição de incerteza no ambiente econômico, reflexo da falibilidade do conhecimento dos agentes, para quem o resultado das diferentes vias de ação serão, no máximo, expectativas bem fundamentadas no presente. Por outro lado, mas de maneira complementar, a descoberta é a diminuição particular e social da ignorância em um

determinado contexto, representada pela injeção de nova informação no sistema econômico. O “descobrir” é a sinalização de que algo na economia já era existente, manifestado ou latente nas preferências individuais, mas ainda não percebido. Por isso a ação empresarial promove a tendência ao equilíbrio no arcabouço de Kirzner, uma vez que, sendo ela um ato de descoberta, diminui a ignorância em seu cenário.

O fato de a descoberta permitir a introdução de novas informações no mercado por parte do empresário é algo que já estava na contribuição kirzneriana quando da associação entre atividade empresarial e arbitragem de preços. Kirzner (2018c [1983], p. 91-92) mostrou que a ação empresarial faz com que a economia tenha uma tendência à coordenação, esta última no mesmo sentido em que a Economia Neoclássica, pela eliminação das oportunidades de lucro.

Apesar de Kirzner ter associado as formas Neoclássica e Austríaca de tendência ao equilíbrio, no pensamento kirzneriano as duas diferem sobre como ele é alcançado, e disso surge a situação que Kirzner (2018c [1983], p. 90-91) descreveu como paradoxal: a Economia Neoclássica supor a tendência ao equilíbrio quando admite que o mercado realiza o processo alocativo eficiente tal qual o agente econômico robbinsiano utilizado em seu modelo. Logo, extrapola o caráter alocativo que atribui à decisão individual ao resultado social do mercado. Nisso, a tendência ao equilíbrio no mercado fica apenas pressuposta, e não explicada, tal como os agentes econômicos realizarem as melhores escolhas à disposição. Mas, se o estado de alerta é admitido na teoria, as decisões deixam de ser previamente determinadas e, por isso, o mercado fica sujeito a mudanças endógenas que impedem predizer o seu resultado. A consequência dessa admissão ilustra o paradoxo: aceitar a ação humana como atividade empresarial mostra que o critério robbinsiano de análise da tomada de decisão individual é impraticável para o mercado como um todo, excluindo a tendência Neoclássica ao equilíbrio; por outro lado, aceitar a possibilidade de os indivíduos identificarem oportunidades de lucro implica na esperança de que os lucros se esgotem, promovendo a propensão à coordenação econômica, o equilíbrio.

Portanto, no pensamento kirzneriano, a impossibilidade de a Economia Neoclássica explicar como o equilíbrio é alcançado decorre de sua análise econômica considerar o mercado já coordenado, supondo satisfeitas todas as condições necessárias para que haja compatibilidade plena entre as infinitas decisões na economia (KIRZNER 1992 [1990], p. 40). Desta forma, na tese Neoclássica o equilíbrio não resultaria da interação entre as ações humanas ao longo do tempo, mas do conjunto de suposições sobre o comportamento do mercado (KIRZNER, 2015b [1992], p. 66). Na teoria Austríaca, por outro lado, a tendência ao equilíbrio foi associada ao fato de o mercado ser um fluxo contínuo e incessante de ações competitivas que não alcança um estado de repouso, mas que tende a ele sistematicamente (KIRNER, 1992 [1990], p. 38-39).

Kirzner recorrentemente associou as formas Neoclássica e Austríaca de tendência ao equilíbrio, mas com base na argumentação kirzneriana sobre a Lei de Indiferença de Jevons é possível ver de que maneira Kirzner diferenciou essas escolas, sobretudo quanto à explicação necessária para que se possa admitir a tendência ao equilíbrio. Em primeiro lugar destaca-se que a própria natureza do papel equilibrador é distinta entre as duas abordagens, entre suposto e explicado, e em segundo lugar porque o equilíbrio assume papéis distintos quando aplicados nas teorias Neoclássica ou Austríaca.

Essa constatação ajuda a esclarecer quanto às visões sobre a argumentação kirzneriana. A primeira, de que Kirzner intencionou aproximar a Escola Austríaca como reformulação da Economia Neoclássica para se associar a ela, como parecem ter proposto Vaughn (1992, p. 253; 1994, p. 101) e Foss e Klein (2010, p. 157); e a segunda, um entendimento possível em Boettke e Sautet (2011, p. 38), de que a tese de Kirzner engloba a Economia Neoclássica em razão de o arcabouço da teoria Austríaca ser mais abrangente.

Retomando um esclarecimento do próprio Kirzner em entrevista concedida a Boettke e Sautet em 2006 (2018d, p. 733-73), é uma leitura equivocada de sua obra pensar que haja ali uma explicação sobre o porquê de o equilíbrio acontecer, porque o estado de total coordenação foi utilizado como um instrumento. Seu papel teórico foi de ajudar a análise econômica a compreender sobre os fenômenos que acontecem na situação de desequilíbrio, uma vez que o objetivo da economia, no pensamento kirzneriano, é a explicação dos mecanismos de causa e efeito. Por isso, o uso que Kirzner fez da Lei de Jevons vai ao encontro da segunda interpretação mencionada, de que ele buscou mostrar como a tendência ao equilíbrio na Escola Neoclássica manifesta elementos que só são explicados no arcabouço teórico da Escola Austríaca.

A aproximação de Kirzner à tese Neoclássica sobre a tendência ao equilíbrio se encerra na medida em que suas abordagens atribuem diferentes explicações para a emergência do estado de coordenação e o significado deste. A estratégia argumentativa de Kirzner sobre a Lei da Indiferença permitiu a Kirzner se aproximar do auditório Neoclássico, seja fazendo referência explícita à Lei de Jevons ou pelo que ela significa no pensamento kirzneriano: a explicação para a tendência ao equilíbrio. A argumentação kirzneriana para abordar o corpo principal da profissão por meio de um vocabulário comum foi capaz de aproximar e afastar os adeptos da teoria tradicional. Ou seja, foi uma aproximação que marcou as diferenças entre a Economia Neoclássica e a Austríaca.

Portanto, não se pode considerar que Kirzner tenha utilizado a tendência ao equilíbrio na teoria Austríaca para preencher uma lacuna no arcabouço Neoclássico. Antes, a aproximação à Escola Neoclássica foi utilizada por Kirzner para defender a relevância e singularidade da sua própria abordagem.

### Referências bibliográficas

- BARBIERI, Fabio. O Ressurgimento da Escola Austríaca e a Teoria de Processo de Mercado. **Econômica**, v. 10, n. 2, p. 215-235, 2008.
- BLAUG, Mark. [Resenha do livro *The Meaning of Market Process: Essays in the Development of Modern Austrian Economics*, por Israel M. Kirzner (1991)]. **The Economic Journal**, v. 103, n. 418, p. 757-758, 1993.
- BOETTKE, Peter J.; SAUTET, Frédéric E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Economic Point of View: An Essay in the History of Economic Thought**, Vol. 1. Indianapolis: Liberty Fund, 2009.
- BOETTKE, Peter J.; SAUTET, Frédéric E. The Genius of Mises and the Brilliance of Kirzner. **The Annual Proceedings of the Wealth and Well-Being of Nations**, Vol. 3, p. 31-43, 2011.
- CALDWELL, Bruce J. [Resenha do livro *Method, Process, and Austrian Economics: Essays in Honor of Ludwig von Mises*, editado por Israel M. Kirzner (1982)]. **Southern Economic Journal**, v. 50, n. 4, p. 1234-1236, 1984.
- DOUHAN, Robin; ELIASSON, Gunnar; HENREKSON, Magnus. Israel M. Kirzner: An outstanding Austrian contributor to the economics of entrepreneurship. **Small Business Economics**, v. 29, n. 1-2, p. 213-223, 2007.
- FOSS, Nicolai J.; KLEIN, Peter G. Alertness, Action, and the Antecedents of Entrepreneurship. **Journal of Private Enterprise**, v. 25, n. 2, p. 145-164, 2010.
- GARRISON, Roger W. Austrian Economics as the Middle Ground: Comment on Loasby. In: KIRZNER, I. M. (ed.). **Method, Process, and Austrian Economics**. Lexington: D.C. Heath and Company, p. 131-138, 1982.

- JAKEE, Keith; SPONG, Heath. Praxeology, entrepreneurship and the market process: A review of Kirzner's contribution. **Journal of the History of Economic Thought**, v. 25, n. 4, p. 461-486, 2003.
- JEVONS, William S. Preface to the second edition. [1879]. In: JEVONS, W. S. **The Theory of Political Economy**. London: Macmillan and Company, p. x-1, 1888a.
- JEVONS, William S. **The Theory of Political Economy**. [1871]. London: Macmillan and Company, 1888b.
- KIRZNER, Israel M. [Resenha do livro *Capital, Profits, and Prices: An Essay in the Philosophy of Economics*, por Daniel M. Hausman (1981)]. **International Philosophical Quarterly**, v. 23, n. 2, p. 220-222, 1983.
- KIRZNER, Israel M. [Resenha do livro *The Methodology of Economics, Or How Economists Explain*, por Mark Blaug (1980)]. **Austrian Economics Newsletter**, v. 5, n. 1, 1984.
- KIRZNER, Israel M. The meaning of market process. [1990]. In: KIRZNER, I. M. **The meaning of market process: Essays in the development of modern Austrian economics**. London: Routledge, p. 38-54, 1992.
- KIRZNER, Israel M. **How markets work: Disequilibrium, entrepreneurship and discovery**. London: The Institute of Economic Affairs, 1997a.
- KIRZNER, Israel M. The Kirznerian Way: An interview with Israel M. Kirzner. **Austrian Economic Newsletter**, v. 17, n. 1, p. 1-8, 1997b.
- KIRZNER, Israel M. Competition and Entrepreneurship. [1973]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition and Entrepreneurship**, Vol. 4. Indianapolis: Liberty Fund, p. 1-200, 2013.
- KIRZNER, Israel M. Entrepreneurship, Economics and Economists. [1985]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory**, Vol. 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 139-150, 2015a.
- KIRZNER, Israel M. Subjectivism, Freedom and Economic Law. [1992]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory**, Vol. 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 111-120, 2015b.
- KIRZNER, Israel M. The Subjectivism of Austrian Economics. [1995]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory**, Vol. 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 48-60, 2015c.
- KIRZNER, Israel M. Discovery, Capitalism and Distributive Justice. [1989]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: Discovery, Capitalism, and Distributive Justice**, Vol. 5. Indianapolis: Liberty Fund, p. 1-169, 2016a.
- KIRZNER, Israel M. Alertness, Luck, and Entrepreneurial Profit. [1979]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Essence of Entrepreneurship and the Nature and Significance of Market Process**, Vol. 8. Carmel: Liberty Fund, p. 24-49, 2018a.
- KIRZNER, Israel M. Economics and Error. [1978]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Essence of Entrepreneurship and the Nature and Significance of Market Process**, Vol. 8. Carmel: Liberty Fund, p. 248-263, 2018b.
- KIRZNER, Israel M. Entrepreneurship and the Future of Capitalism. [1983]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Essence of Entrepreneurship and the Nature and Significance of Market Process**, Vol. 8. Carmel: Liberty Fund, p. 82-97, 2018c.

- KIRZNER, Israel M. Equilibrium versus Market Process. [1976]. In: BOETTKE, P. J.; SAUTET, F. E. (ed.). **The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Essence of Entrepreneurship and the Nature and Significance of the Market Process**, Vol. 8. Carmel: Liberty Fund, p. 125-133, 2018d.
- KORSGAARD, Steffen; BERGLUND, Henrik; THRANE, Claus; BLENKER, Per. A tale of two Kirznars: Time, uncertainty, and the “nature” of opportunities. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 40, n. 4, p. 867-889, 2016.
- MOSER, Peter. [Resenha do livro *The Meaning of Market Process: Essays in the Development of Modern Austrian Economics*, por Israel M. Kirzner (1992)]. **Journal of Institutional and Theoretical Economics (JITE)**, v. 148, n. 4, p. 721-722, 1992.
- RIZZO, Mario J. Introduction. **Journal des Economistes et des Etudes Humaines**, v. 12, n. 1, p. 3-10, 2002.
- ROBERTSON, Paul L. [Resenha do livro *The Meaning of Market Process: Essays in the Development of Modern Austrian Economics*, por Israel M. Kirzner (1992)]. **History of Political Economy**, v. 25, n. 3, p. 557-558, 1993.
- ROSNER, Peter. [Resenha do livro *The Driving Force of the Market: Essays in Austrian Economics*, por Israel M. Kirzner (2000)]. **Economica**, v. 70, p. 192-194, 2003.
- THE WASHINGTON POST. **Israel Kirzner for the Nobel Prize in Economics?** Disponível em: [https://www.washingtonpost.com/news/volokh-conspiracy/wp/2014/09/29/israel-kirzner-for-the-nobel-prize-in-economics/?noredirect=on&utm\\_term=.25231dbabefe](https://www.washingtonpost.com/news/volokh-conspiracy/wp/2014/09/29/israel-kirzner-for-the-nobel-prize-in-economics/?noredirect=on&utm_term=.25231dbabefe). Acesso em: 11.03.2021.
- VAUGHN, Karen I. The problem of order in Austrian economics: Kirzner vs. Lachmann. **Review of Political Economy**, v. 4, n. 3, p. 251-274, 1992.
- VAUGHN, Karen I. **Austrian Economics in America: The Migration of a Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.